



## ÀS VOLTAS COM O “PAI”: MITO E HISTÓRIA EM *LAVOURA ARCAICA*

**Bárbara Del Rio Araújo**  
(CEFET-MG)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<b>Bárbara Del Rio Araújo</b> é doutora em Estudos Literários pela UFMG; atualmente, é professora adjunta no CEFET-MG e desenvolve pesquisas, com ênfase em Literatura Brasileira, relacionadas principalmente aos temas: crítica literária, história da literatura e cultura nacional. E-mail: barbaradelrio.mg@gmail.com

RESUMO	ABSTRACT
Este artigo analisa a representação do mito e da história na obra <i>Lavoura Arcaica</i> , de Raduan Nassar. A premissa é que exista tanto uma abordagem bíblica, como, por exemplo, a parábola do filho pródigo, quanto uma atualização histórica mítica na narrativa, tudo relacionado à imigração, ao intercâmbio cultural entre religiões, responsável por dimensionar toda expressão de culpa, falha e verdade do protagonista. Assim, a subjetividade do personagem se coloca ora tributária das suas condições particulares ora capaz de simbolizar a situação social brasileira, uma vez que, essa individualidade está situada em chave material. Deste modo, o romance demonstra uma complexidade na representação, sobretudo, na figura do Pai, que simboliza tanto os valores tradicionais e religiosos quanto o rompimento trágico dessa ordem a demonstrar os desdobramentos conflituosos de uma sociedade cindida entre a tradição e modernidade.	This paper analyzes the representation of myth and history in <i>Lavoura Arcaica</i> , by Raduan Nassar. The premise is that there is both a biblical approach, such as the parable of the prodigal son, as well as a historical update in the narrative, all related to immigration, cultural exchange between religions, to scale any expression of guilt, failure and truth for the protagonist. Thus, the subjectivity of the character is placed at times depend on his particular conditions, at times capable of symbolizing the Brazilian social situation, since this individuality is situated in a material key. Thus, the novel demonstrates a complexity in the representation, above all, in the figure of the Father, which symbolizes both traditional and religious values and the tragic breakdown of that order o demonstrate the conflicting developments of a society split between tradition and modernity.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Mito; História; <i>Lavoura Arcaica</i> .	Myth; History; <i>Lavoura Arcaica</i> .

## INTRODUÇÃO: A ORDEM SOCIAL: AVÔ, PAI E FILHO

*Lavoura Arcaica* (1975) é o terceiro livro de Raduan Nassar. Precedem a sua produção *Um copo de cólera* e *Menina a caminho e outros textos*, todos elogiados pela fortuna crítica devido a exímia capacidade de representação dramática. Em especial, *Lavoura Arcaica* se destacou das produções do período em que foi produzido por apresentar uma mescla interessante entre a prosa e a poesia, explorando a construção metafórica, sobretudo na expressão da subjetividade do protagonista André. Nesse aspecto, muito se distanciava dos romances-reportagens da época e do “realismo feroz” (SCHOLLHAMMER, 2011, p.70), já que o seu destaque era o intimismo, nem tanto autobiográfico, como era comum. Flora Sussekind (1992) apresenta a obra como um “surto individualizado” naquele contexto em que, após 10 anos de ditadura, efervescia intelectuais posicionados frente a repressão. Raduan Nassar está entre esses pensadores, mas, diferentemente da apropriação de uma linguagem típica da indústria cultural, incentivada pelo boom editorial da época, da influência televisiva e jornalística que saltam para dentro da narrativa, esse escritor aborda o contexto de modernização em conflito com os valores tradicionais através da representação do mito e da história, revelando uma complementaridade entre essas instâncias, demonstrando a formação religiosa imigrante sendo transgredida pela perspectiva histórica, elucidando novas perspectivas de encarar a tradição no território nacional.

O enredo do romance *Lavoura Arcaica* se configura pela relação conflituosa entre André e o pai, Yohána, que busca repetir lições e preceitos familiares, aprendidos com o avô de André, tentando condicionar os filhos aos costumes e à religiosidade típica de uma geração. Pedro, o irmão mais velho, segue os ditames do pai; já André tem ações diferentes, percebe os designios familiares, mas os questiona. A cena inicial do romance, a relação entre o filho desgarrado, no caso André, e Pedro, representante dos costumes

paternos, é evidente. Aliás, aqui se aciona toda a mitologia bíblica do filho pródigo<sup>1</sup>, que, embora apresente subversões, - já que na parábola religiosa o pai tem predileção pelo filho fugitivo enquanto na obra Pedro ocupa esse lugar, ao invés de André - reconfigura toda ação do retorno do filho ao seio familiar. Pedro foi ao encontro do irmão em função de resgatá-lo tanto no sentido de guiá-lo de volta ao lar quanto na busca por salvar os valores que dele tinham se perdido. Assim, Pedro enquanto acolhia André, o aconselhava, primeiramente, a abotoar a camisa e a suspender o uso do álcool: "não é o espírito deste vinho que vai reparar tanto estrago em nossa casa" ele continuou cortante, "guarde esta garrafa, previna-se contra o deboche, estamos falando da família" (NASSAR, 1989, p.39)

Embora a analogia com o mito bíblico exista, a perspectiva temporal romanesca o implode<sup>2</sup>, uma vez que não se configura aqui a repetição característica desse tipo de narrativa. Ainda que a obra se divida em uma primeira parte denominada "a partida", e a parte final "o retorno", toda essa organização é entrecortada com o ponto de vista de André que narra os fatos com suas impressões, deixando um entrecruzamento de perspectivas, como, por exemplo, quando se confunde como gostaria de ter respondido ao irmão em um contraste do que foi e como deveria ser:

---

<sup>1</sup> Sabrina Sedlmayer esclarece que a obra de Nassar é um palimpsesto, que desenvolve diálogo permanente com a Bíblia e outros textos religiosos, como o Alcorão (SEDLMAYER, 1995, p.14). A parábola do filho pródigo é recriada, mas não só. A fala de Yohana é repleta de relações com os sermões Eclesiastes desenvolvendo a ideia, por exemplo, de que exista tempo para todas as coisas de Deus. O capítulo 9 enfatiza todo o misticismo sobre a origem e o fim, acentuando o valor simbólico e cabalístico do próprio número que pode ser visto como uma recriação. Essa evidência, aliás, reitera o aspecto cíclico típico das narrativas míticas. Quanto ao diálogo religioso, o livro de Jó é também abordado nas palavras do pai que afirma ser através da paciência que exista purificação. Há ainda referências diretas aos evangelhos cristãos de Lucas e Mateus. O primeiro, ao abordar, a estória de Jonas e a Baleia, e o segundo, ao aludir sobre a ovelha desgarrada: "Porque o Filho do homem veio para salvar o que se havia perdido. Que opinião tendes? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não deixará ele as noventa e nove nos montes, indo procurar a que se perdeu? E conseguir encontrá-la, com toda a certeza vos afirmo que maior contentamento sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram". (BÍBLIA SAGRADA, 1997, p.1456)

<sup>2</sup> Georg Lukács, em *Teoria do Romance*, oferece um panorama distintivo entre as formas romanescas e o modelo mítico do mundo helênico. Nesse aspecto, caracteriza a representação mítica como uma "cultura fechada", possuidora de uma totalidade integradora: "É um mundo homogêneo, e tampouco a separação entre homem e mundo, entre eu e tu é capaz de perturbar sua homogeneidade. Como qualquer outro elo dessa rítmica, a alma encontra-se em meio ao mundo, a fronteira criada pelos seus contornos não difere, em essência, dos contornos das coisas" (LUKACS, 2000, p.29). Diversamente, o romance é histórico, se submete a dialética do tempo presente, afetando sua configuração. A imanência do sentido desaparece, o personagem carrega em si o conflito como pressuposto de sua existência: "O romance é a epopeia do mundo abandonado por deus, a psicologia do herói romanesco é demoníaca (...) O romance é a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se à prova, encontrar a sua própria essência". (LUKACS, 2000 p. 90-91)



não se constranja, meu irmão, encontre logo a voz solene que você procura, uma voz potente de reprimenda, pergunte sem demora o que acontece comigo desde sempre, componha gestos, me desconforme depressa a cara, me quebre contra os olhos a velha louça lá de casa", mas me contive, achando que exortá-lo, além de inútil, seria uma tolice, e, sem dar por isso, caí pensando nos seus olhos, nos olhos de minha mãe nas horas mais silenciosas da tarde, ali onde o carinho e as apreensões de uma família inteira se escondiam por trás, e pensei quando se abria em vago instante a porta do meu quarto ressurgindo um vulto maternal e quase aflito "não fique assim na cama, coração, não deixe sua mãe sofrer, fale comigo" e surpreso, e assustado, senti que a qualquer momento eu poderia também explodir em choro, me ocorrendo que seria bom aproveitar um resto de embriaguez que não se deixara espantar com sua chegada para confessar, quem sabe piedosamente, "é o meu delírio, Pedro, é o meu delírio, se você quer saber" mas isso só foi um passar pela cabeça um tanto tumultuado que me fez virar o copo em dois goles rápidos, e eu que achava inútil dizer fosse o que fosse passei a ouvir (ele cumpria a sublime missão de devolver o filho tresmalhado ao seio da família) a voz de meu irmão, calma e serena como convinha, era uma oração que ele dizia quando começou a falar (era o meu pai) da cal e das pedras da nossa catedral (NASSAR, 1989, p.16).

O tempo mítico<sup>3</sup> é também desfeito quando entendemos que há uma mudança significativa na construção da narrativa de modo que toda genealogia pretendida vai sendo desconstruída. Todo hábito que se inicia com o avô<sup>4</sup>, desenvolvedor de uma tradição árabe, em que tudo se resume pelo "Maktub"; é passado para Yohana, racionalista e cristão que tende a valorizar o trabalho como forma de recompensa assim como o arrependimento:

(Em memória do avô, faço este registro: ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai – em que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote tousco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: "Maktub.") (NASSAR, 1989, p.89).

<sup>3</sup> Para Jean-Pierre Vernant (1973, p.71-112) o mito apresenta uma estrutura circular com ritmos de passagem distintos do tempo medido cronologicamente. Assim, com o mito não se tem propriamente uma cronologia, mas sim uma "genealogia", sendo preocupado com a origem, conjunção de partida e chegada. Para Mircea Eliade (2006, p.11), "o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito aborda a existência de uma realidade cercada pelas façanhas dos Entes Sobrenaturais. Nesse aspecto, ambos autores associam o tempo mítico a um homem arcaico e a uma narrativa primitiva, alertando sua alta importância com a existência de uma sociedade prototípica e com um conhecimento diferenciado. Ao passo que o homem moderno, ainda que se perceba como resultado da história universal, não se sente obrigado a conhecê-la tomando-a de modo fragmentário, característica que não ocorre com a sociedade mítica onde o homem rememora e reatualiza as tradições. Assim, enquanto no mundo moderno a nota característica é a História, no mundo mítico, a irreversibilidade dos acontecimentos constitui uma evidência.

<sup>4</sup> O avô de André professa em várias passagens da narrativa preceitos típicos do Alcorão, sobretudo nas metáforas a respeito da passagem entre morte e vida que são ilustradas no ato de semear grãos ou no plantio e cultivo da terra. A relação entre pai e filho e a celebração da ceia familiar também é uma relação comum, segundo Nelly Coelho, que afirma Nassar "visaria eternizar no tempo sua profunda verdade humana e existencial, singular visão de mundo em choque com a Lei do Pai" (COELHO, 2013, p.862).

Essa diferença de perspectiva se faz em toda narrativa ao discutir a ancestralidade familiar. O avô carregava o posto da clareza e da memória anciã, zeloso pela família:

Amor na família é a suprema forma da paciência; o pai e a mãe, os pais e os filhos, o irmão e a irmã: na união da família está o acabamento dos nossos princípios; e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pêlos rebanhos: que o gado sempre vai ao cocho, o gado sempre vai ao poço; hão de ser esses, no seu fundamento, os modos da família: baldrames bem travados, paredes bem amarradas, um teto bem suportado; a paciência é a virtude das virtudes, não é sábio quem se desespera, é insensato quem não se submete." E o pai à cabeceira fez a pausa de costume, curta, densa, para que medíssemos em silêncio a majestade rústica da sua postura (NASSAR, 1989, p.58).

O pai, diferentemente do avô, entende que as ações podem ser revistas e confia no arrependimento, mas que será preciso sempre vigiar e punir: "O mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas fiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sebe viva, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa" (NASSAR, 1989, p.54).

André quer constituir o mundo de outra forma, ainda mais afastado do Pai. Se apaixona pela irmã Ana ao mesmo tempo que se vê em crise frente a ordem moral colocada pela família e por toda a sociedade. Diferente dele, seu irmão Pedro e todos os que se assentam à direita da mesa a adotam, mas ele se desgarrar e parte dali. A narrativa se coloca sob a perspectiva de André e é marcada pela dramatização íntima do confronto entre as ordens. Ela é marcada pelo reflexo ao mesmo tempo bíblico e helênico. A ordem helênica é a do avô que como o pragmatismo das tragédias gregas em que o fatalismo é acentuado repercute sobre o indivíduo ao ponto do destino a tudo determinar, demonstrando uma ordem universal e irremediável. Por outro lado, Yohana demonstra através da ilustração de parábolas e histórias seu pensamento cristão. Aliás, o próprio narrador o descreve como se falasse e segurasse as barras de um púlpito e junto disso rememora o Evangelho de São Mateus, enfatizando a submissão sofrida do homem.

Nessa abordagem de uma tradição religiosa sendo colocada em relação, já se depara com as contradições, sobretudo na identificação da subjetividade. Enquanto o avô é acionado pela evidência predestinada, sendo o homem com pouco livre-arbítrio, cuja ações se ligavam ao acaso, o pai se educava aos preceitos familiares, buscando controlar e vigiar todas as ações, como se a racionalidade poupasse as desforras.

André circula entre essas ordens e as atualiza, revendo toda a tradição mítica e religiosa. Ele está imerso a esses mundos; assim, pouco aceita o “está escrito” do destino e pouco se submete aos preceitos da ordem do Pai, que não acredita na implacabilidade do destino cego, mas profetiza a subserviência do homem ao amor cristão. Nesse ínterim, está André que não se coloca contra o sagrado, mas o atualiza diante de um novo contexto. Essa empreita é um tanto difícil diante do aspecto moral que as duas perspectivas colocam - seja da catarse, seja a do arrependimento. O personagem se insurge com relação a ambas as possibilidades, metaforicamente representado na narrativa pelo ato de revirar o cesto de roupas sujas, que envolve a ele e a família que o cerca:

Pedro, meu irmão, eram inconsistentes os sermões do pai" eu disse de repente com a frivolidade de quem se rebela, sentindo por um instante, ainda que fuga, sua mão ensaiando com aspereza o gesto de reprimenda, mas logo se retraindo calada e pressurosa, era a mão assustada da família saída da mesa dos sermões; que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraíndo tanto como os sinos graves marcando as horas (NASSAR, 1989, p.47).

Interessante é notar o balizamento dessa nova perspectiva construída em meio aos conflitos, que parecem estar sintetizados na figura do Pai. Esse simboliza a religião, mas não só. Trata-se dos valores tradicionais como o trabalho e sobretudo a família. André, durante a primeira parte do livro, quando habita a pensão rememora sob a presença do irmão toda tradição vivida na casa paterna. Há uma mistura clara de espaço-tempo a demarcar toda expansão da subjetividade lírica do protagonista questionando seu passado, imerso ainda no que gostaria de ter dito e não o fez. O capítulo dois segue contido, com uma extensão mínima de duas páginas descrevendo o funcionamento da

fazenda na sua infância, lembranças de um sonho idílico. Por assim, segue o capítulo 3 marcado novamente pelo devaneio, expansão do delírio de André. Já o quarto capítulo descreve objetivamente, ainda que seguido das impressões de André o rito familiar com a cabra Sudanesa, a qual representava um costume e moralidade da família, mas André se apropriava dela e a devassava segundo a sua ordem expressando na narrativa um tom grotesco a contrastar com a sublimidade do rito familiar.

Nesse relato, a contenção pode ser notada no número de páginas destinadas ao domínio da casa. O capítulo 7, diferentemente, marca a expansão que será continuada com a mesma cena no capítulo 9. O interim que representa o capítulo 8 mostra a tentativa de contenção de André. Esse movimento evidencia que a narração é dividida em dois momentos. No primeiro, “a partida”, o tempo presente da narração se coloca frente à rememoração do fato narrado, que consiste na relação amorosa entre André e Ana e a fuga do protagonista que deixa a família para ir morar na cidade. Nessa parte, André recebe o irmão Pedro e rememora os acontecimentos passados questionando inclusive a pertença do irmão àquela ordem. André que ora se contém e ora se coloca, busca convencer Ana e o leitor sobre a naturalidade do incesto: “estava escrito: ela estava lá, deitada na palha, os braços largados ao longo do corpo, podendo alcançar o céu pela janela(...) foi numa vertigem que me estirei queimando ao lado dela, me joguei inteiro (...) embalando nos braços a decisão de não mais adiar a vida” (NASSAR, 1989, p.102).

Interessante é notar como aqui existe a combinação das vivências, e sobretudo da relação entre o tempo histórico e o tempo mítico. André narra o acontecimento como a percepção do destino do avô: “estava escrito”; ora assume a percepção mora do pai, aquela do trabalho, do equilíbrio e da dádiva de Deus: “foi um milagre o que aconteceu entre nós, querida irmã, (...) foi um milagre descobrimos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando as palavras do pai que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família” (NASSAR, 1989, p.118). Dominante no seu discurso, André promete a Ana trabalhar, colher, plantar, multiplicar os rebanhos do pai e complementa: “contentemo-nos com as ferramentas espontâneas que podem ser usadas



para forjar nossa união: o segredo contumaz, mesclado pela mentira sorrateira e pelos laivos de um sutil cinismo; afinal, o equilíbrio, de que fala o pai, vale para tudo, nunca foi sabedoria exceder-se na virtude” (NASSAR, 1989, p.132) No final, o que transparece é seu jorro incontido; “eu tinha que gritar em furor que a minha loucura era mais sábia que a sabedoria do pai, que a minha enfermidade me era mais conforme que a saúde da família” (NASSAR, 1989, p.109); e sua fragmentação de entender como fora formado e transformado: “eu espreitava e aguardava, porque existe o tempo de aguardar e o tempo de ser ágil (foi essa ciência que aprendi na infância e esqueci depois)” (NASSAR, 1989, p.95).

André compreende as tradições, mas não as repete. A ordem paterna e tudo que se liga ao movimento de manutenção cíclica é tragado destruindo a sua aparente repetição. No seu retorno à casa paterna, busca aproximação no restabelecimento do ciclo da lavoura, das festas que se alternam com o trabalho, mas a narrativa destaca a impressão do protagonista de que o momento é muito diverso da fazenda que ele deixara, e mesmo que os ritos se cumpram, aqui está exposta a consciência do dilaceramento e a impossibilidade do retorno efetivo. Marca-se uma diferença temporal entre o espaço-tempo idílico das memórias do protagonista e o que se coloca, sobretudo na primeira parte do livro. Tudo parece distante e agrava a relação: o pai ali permanece como bastião da ordem, seu discurso pela simplicidade, subserviência e trabalho; já André se revela pelo sentimento rompido, da experimentação, das paixões efervescentes:

- Em parte alguma, menos ainda na família; apesar de tudo, nossa convivência sempre foi precária, nunca permitiu ultrapassar certos limites; (...)
- Já basta de extravagâncias, não prossiga mais neste caminho, não se aproveitam teus discernimentos, existe anarquia no teu pensamento, ponha um ponto na tua arrogância, seja simples no uso da palavra! (...) Quanta amargura meu pai juntava à sua cólera! E que veleidade a minha, expor-lhe a carcaça de um pensamento, ter triturado na mesa imprópria uns fiapos de ossos, tão minguados diante da força poderosa de sua figura à cabeceira. - Estou cansado, pai, me perdoe. Reconheço minha confusão, reconheço que não me fiz entender, mas agora serei claro no que vou dizer: não trago o coração cheio de orgulho como o senhor pensa, volto para casa humilde e submisso, não tenho mais ilusões, já sei o que é a solidão, já sei o que é a miséria, sei também agora, pai, que não devia ter me afastado um passo sequer da nossa porta; daqui pra frente, quero ser como meus irmãos, vou me entregar com disciplina às tarefas que me forem atribuídas, chegarei aos campos de lavoura antes que ali chegue a luz do dia, só os deixarei bem depois de o sol se



pôr; farei do trabalho a minha religião, farei do cansaço a minha embriaguez, vou contribuir para preservar nossa união, quero merecer de coração sincero, pai, todo o teu amor.

- Tuas palavras abrem meu coração, querido filho, sinto uma luz nova sobre esta mesa, sinto meus olhos molhados de alegria, apagando depressa a mágoa que você causou ao abandonar a casa, apagando depressa o pesadelo que vivemos há pouco. Cheguei a pensar por um instante que eu tinha outrora semeado em chão batido, em pedregulho, ou ainda num campo de espinhos. Vamos festejar amanhã aquele que estava cego e recuperou a vista! Agora vai descansar, meu filho, a viagem foi longa, a emoção foi grande, vai descansar, querido filho (NASSAR, 1989, p. 166-168).

A redução de André aos costumes da casa fica evidente; aliás, em um de seus sermões, o pai já orientava que “o homem abandona sua individualidade para fazer parte de uma grandeza maior [...] só através da família é que cada um em casa há de aumentar sua existência” (NASSAR, 1989, p.146). Assim, o protagonista tenta retomar a ordem, mas a festa da sua chegada rompe qualquer possibilidade de volta. Lula, seu irmão mais novo, confia seu plano de fuga da fazenda e, durante a consagrada dança, Ana aparece profanando a cerimônia, vestida sensualmente com as quinquilharias de André. O desfecho é trágico e, assim como André muito aprendeu com o pai, sobretudo em acreditar que o sofrimento aprimora a sensibilidade do homem, extraíndo de uma corda partida alguma nota, de um homem quebrado a sua resistência, Yohana convulso age insubordinadamente em um acesso irracional mata Ana com um golpe de alfanje.

Experimentando o fim dos valores cultivados por uma vida pela família, Yohana age por impulso e choca a todos. Inicialmente, parece que a transgressão típica de André seja agora compartilhada pelo pai, entretanto o que se coloca é a ira paterna, que, não conseguindo controlar a noção que ele tem de família e do trabalho, se insurge contra Ana e a dilacera. É inegável, portanto, como esses personagens se modificam ao se relacionarem, assim como os preceitos que eles carregam. Portanto,

há uma primeira geração que tem, de fato, uma ética consistente que dispensa explicitação discursiva, sendo tudo suficientemente reduzido a esse “Maktub”. A segunda geração, ao contrário, mesclada de vários registros, só forja sua ética, aliás só preserva a ética que herdou, no discurso copioso, e ademais intransigente. Já a terceira geração, representada em André, rompe com o círculo (FISCHER, 1991, p. 25).

Durante a narrativa, a parábola do faminto é o grande norte que demonstra a diferenciação entre o *modus vivendi* religioso e aquele individual buscado por André. A parábola é explicitada no capítulo 13, em meio as divagações do protagonista, que simula a voz do pai e apresenta a história de um esfomeado, que ao passar diante de uma morada sublime, conversa com os guardiães que o alerta sobre seu amo e senhor que a tudo concede a quem lhe pedir. O faminto se anima e se apresenta ao ancião que tudo lhe oferece para comer e beber imaginariamente, dizendo que a paciência era preciso ser desenvolvida. A perspectiva moralista é clara: “Graças a sua paciência, nunca mais soube o que era fome” (NASSAR, 1989, p.84). Pode dizer que essa perspectiva podia ser associada a visão que o pai de André tinha sobre o tempo. Para ele, “o tempo é o maior tesouro de quem um homem pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento [...] rico só é o homem que aprendeu piedoso e humilde, a conviver com o tempo” (NASSAR, 1989, p.52). Não obstante, ele relaciona a paciência ao exercício do tempo e obviamente à família: “o amor na família é a suprema forma de paciência [...] o pai ao ler, não perdia nunca a solenidade: Era uma vez um faminto” (NASSAR, 1989, p. 61).

André tem o tempo de outra forma, via a família e a metáfora do faminto de outra forma. Quanto ao tempo e a família, André assim se refere: “quantos varões, quantos ancestrais, quanta peste acumulada, que caldo mais grosso nesse fruto da família! Eu tinha simplesmente forjado o punho, erguido a mão e decretado à hora: a impaciência também tem seus direitos! (NASSAR, 1989, p.88). Nessa descrição entre o sublime e o grotesco, além da descida violenta de tom, André refaz a história do faminto e questiona como poderia um homem como o pai, que tudo tinha satisfeito, entender a fome e recontar a história daquele faminto? Assim, ele afirma que o pai e seu irmão omitiram o desfecho que ele faz questão de enfatizar sobre o momento em que o faminto se insurge contra o ancião: “Que queres, senhor, o espírito do vinho subiu-me à cabeça e não posso responder pelo que fiz quando ergui a mão contra meu benfeitor” (NASSAR, 1989, p.85).

Assim, enfatiza a agressão do faminto, a cólera e a excentricidade.

Coloca-se pela interpretação, a disjunção de perspectivas sobre o tempo na narrativa: Yohana aprendeu com o avô sobre a redução do homem aos desígnios maiores como da religião e da natureza. Assim, saber esperar e ser subserviente é uma virtude. André quer tomar para si as ações e defende a insurreição e revolta a qualquer ordem. Nesse âmbito, pode-se inferir que existem dois intervalos temporais na narrativa que conduz o enredo. O primeiro marcado pela anuência mítica, seja pelo tempo helênico, representado pelo avô, seja pelos preceitos bíblicos, representados pelo pai. Tudo a contrastar com a perspectiva individual, histórica de André.

Segundo Erich Auerbach (2012, p.35), entre a percepção do tempo helênico e bíblico já se evidencia diferenças na medida em que, ao se representar a realidade, a Bíblia muito se diferencia da Odisseia estilisticamente. No texto helênico, existe um acabamento perfeito na representação do tempo e do espaço, como a definição e repetição do mito. Já o texto bíblico figura a noção de um tempo linear, vertical, mas a-histórico, no sentido do revigorar a universalidade da fé. Essa diferença revela que o texto bíblico ainda escapa à concepção individual, sendo próxima ao aspecto mítico e predestinado das tragédias por reforçar os planos de obediência. Assim, ainda que diferentes, o tempo bíblico e o tempo helênico trazem uma configuração de tensão que o avançar e o retroceder se equilibram, deixando claro um tenso impulso, mas também uma meta. Nesse aspecto, contrastam com a presentificação do tempo histórico e do romance, ambos colocados pela perspectiva individual, dada por André. Explico que durante a narrativa existe uma imprecisão do tempo e do espaço, além das caracterizações dos personagens de modo a conduzir para a configuração mítica, filiada à tradição bíblico-mediterrânea. Predomina no texto uma configuração da organização patriarcal, do chefe de família, de modo a inferir uma questão religiosa, simbólica, já que não se define ações no âmbito da sociedade e das classes, mas no seio da família. Isso fica evidente na constatação: “Não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido [...]: estamos indo sempre para casa”

(NASSAR, 1989, p.25)

Entretanto, não é possível deixar de identificar nesse imbróglio, o eco histórico, presentificado, dessa configuração familiar através dos impulsos de André. Sua perspectiva individualista quer romper com a tradição familiar, quer buscar a cidade e deixar o campo e as funções artesanais. Assim, o crítico literário Augusto Fischer afirma:

Compondo, então, os elementos, veremos que lavoura arcaica não define com precisão o tempo da narração, antes rarefaz seus contornos. Logo abaixo dessa imprecisão, porém, temos bem nítida uma mentalidade pré-capitalistas, quase pré-mercado de consumo, que ganha substancia na noção de destino, que só vigora no momento anterior ao liberalismo (FISCHER, 1991, p.22).

O que o estudioso deixa claro é que a História se manifesta na narrativa demonstrando a existência de ordens em transição fruto do próprio deslocamento imigracional. Enquanto o avô e o pai representam a subserviência ao tempo e às tradições, André é o liberal, é quem busca domar o mundo natural segundo a iniciativa individual. Seu pai e avô sobrevivem pelo conhecimento pleno da produção, no trabalho com o plantio e preparação da terra, até a produção final artesanal. Enquanto na mesa dos sermões, o pai e o avô discursam que “o homem abandona a sua individualidade para fazer parte de uma unidade maior” (NASSAR, 1989, p.146), discorrendo sobre a família e a moral, lançando poucas vezes luz sobre a questão, André quer escancarar, quer dizer sobre a sua fome que não aplaca : “Eu também tenho uma história, pai, é também a história de um faminto [...] que de tanto se contorcer acabou por dobrar o corpo sobre si mesmo alcançando com os dentes as pontas dos próprios pés [...] Toda ordem traz uma semente de desordem” (NASSAR, 1989, p.158).

André deseja impor a sua individualidade e busca conhecer a cidade, largar o campo e isso instaura a crise familiar. Quando retorna à casa deixa claro na conversa com o genitor que a sua ordem é outra: “Ninguém vive só de semear, pai [...] sei hoje do que é capaz essa corrente; os que semeiam e não colhem; colhem, contudo, do que não plantaram; deste legado, pai, eu não tive o meu bocado. Por que empurrar o mundo pra frente? ” (NASSAR, 1989, p.164). André tem outra percepção do tempo: “O tempo é farto e generoso, mas não devolve vida aos que não nasceram; aos derrotados de partida; ao



fruto peço já na semente, aos arruinados sem terem sido erguidos, não resta outra alternativa: dar as costas para o mundo, ou alimentar a expectativa da destruição de tudo (NASSAR, 1989, p.164).

Para além da paixão por Ana, ele tem fome de si, de se afirmar: “André havia descoberto, talvez, a dialética do mundo, coisa totalmente descabida para a ética chapada, monotônica, religiosa do pai” (FISCHER, 1991, p.24). Nesse aspecto se coloca a chave histórica do romance, que, segundo Fischer, pode ser interpretado como o grande romance brasileiro da imigração, uma vez que destaca a derrocada do mundo que se originou. Assim explica a relação das três gerações – avô, pai e filho à história social brasileira.

## TRADIÇÃO X MODERNIDADE NO CONTEXTO IMIGRATÓRIO

A narrativa de *Lavoura Arcaica* pode ser lida sob diversos prismas, sendo que em todos eles discutem a questão da transgressão. Essa pode ser notada sob o aspecto psicológico de André, sob o aspecto da linguagem da narrativa tomada por uma desorganização do típico ou um rompimento de ordem histórica que atualiza toda tradição religiosa. Esse último é bastante destacado por André, descendente de imigrante, mas abasileirado, que interpreta com muita crítica toda a tradição que o origina: “Pobre família nossa, prisioneira de fantasmas tão consistentes!” (NASSAR, 1989, p.158). Até mesmo o sotaque estrangeiro é criticado na figura da mãe: “andando entre aqueles grupos comprimidos em murmúrio como se vagasse entre escombros, a mãe passou a carpir em sua própria língua, puxando um lamento milenar que corra ainda hoje a casta pobre do Mediterrâneo” (NASSAR, 1989, p.60).

André é criado no ocidente aspecto que contrasta com a fundamentação do mundo familiar. A lavoura dos seus pais e avô é arcaica. Não pode ser semeada nem colhida por ele. No capítulo final, apesar de todas as extravagâncias, o protagonista se silencia diante da morte da irmã amada e do descontrole paterno. De toda forma, o que se nota em todo o enredo é a busca pela criação da identidade e da afirmação de André que

representa a lida de filho de imigrante no movimento da diáspora libanesa para o Brasil no século XX.

André representa a experiência singular de quem busca se colocar em solo estrangeiro e diante de uma tradição familiar milenar. Ainda que não seja identificado como libanês, origem do escritor da narrativa Raduan Nassar, André se destaca pela diferença das tradições mediterrânea da família e representa a migração árabe para o Brasil em meados de 1920. Denominado genericamente como turco ou árabe, esse povo se instalou sobretudo no Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, São Luiz e Manaus em busca de se libertar do império otomano e se fixaram em núcleos isolados compondo atividades primárias ligadas à agricultura.

Embora a narrativa apresente poucas evidências referenciais sobre o momento, deixando de lado os aspectos factuais acerca do espaço e do tempo histórico, não há dúvidas que o conflito de André representa o choque entre uma ordem moderna e ocidental em duelo com a tradição familiar e os preceitos culturais. A narrativa mimetiza todo o momento inicial da imigração desse povo que se ligará às atividades de plantio e depois desenvolverá o comércio concentrando nas atividades de mascates, de instrução e de capitalização. A imigração oriental diverge da imigração europeia, como a italiana, uma vez que esses últimos chegaram como mão de obra para as fazendas de café, substituindo os escravos. Já os libaneses e sírios vieram sem nenhum programa nem expectativa de trabalho, por isso desenvolveram um modo de relação com a terra em que era possível difundir os preceitos tradicionais, povoando a cultura, ao invés de apenas explorá-la em função da economia. Nesse sentido, buscavam aumentar a extensão das terras familiares assim como perpetuar a agricultura arcaica, estrutura social e econômica baseada na família, que executavam na região do mediterrâneo:

A nossa aldeia foi o centro de várias manifestações folclóricas, que nos ligavam à história antiga, porque vivíamos costumes muito primitivos. O sul do Líbano é o maior depositário da história do país, porque os costumes pouco mudaram. A origem de nossa aldeia remonta a três ou quatro mil anos, as coisas que nós conhecíamos eram exatamente aquelas que foram conhecidas na época. A maneira de plantar, a maneira de colher, a maneira de preparar as comidas, a maneira de viver a vida, tudo isso nós conservávamos como uma relíquia [...] (GREIBER E ALBII, 1998, p.752-53).

Ainda que exercessem o comércio das produções agrícolas, faziam em escala familiar que no final representa a sociedade em miniatura, já que começava a ramificar outras atividades profissionais, mas sempre muito ligada às descendências. Assim, o progresso estava condicionado à evolução do grupo familiar que devia toda obediência, sobretudo ao poder centralizado na figura patriarcal:

Foram esses imigrantes cada vez mais bem posicionados nas profissões liberais tradicionais e na estrutura miúda do comércio (aliás, comércio especializado em muitos casos, segundo a etnia), que, no seu conjunto, e ao seu modo, verdadeiramente revolucionaram a sociedade paulista ao introduzirem nela, já no início do século e com mais vigor ainda no pós-30, uma gama extensa, complexa e diferenciada de posições intermediárias na estrutura social urbana, esmaecendo as antigas oposições e clivagens características da sociedade agrária em declínio. Neste processo foram se constituindo novos padrões e modalidades de inserção social dificilmente apropriáveis por esquemas polarizados de análise emergindo toda uma nova região da estrutura social que passou a abrigar os descendentes dessas etnias, dando feição própria e original ao atual tecido social paulista (TRUZZI, 1992, p. 111).

Assim, *Lavoura Arcaica* remonta e representa, tanto através do pai de André quanto ao avô, as noções pré-capitalistas já que a cultura e a tradição se colocavam com mais importância. André assim como Lula, seu irmão caçula, tinha ânsia pela cidade e a transplantação cultural gerou um sentimento de que a cultura precisava ser resguardada e preservada, mas isso se colocava como um fado morto destinado à simples repetição. Não dispostos a endossar esse comportamento, os irmãos se agonizam, se colocam como transloucados diante das mudanças que desejam. Não as veem como positivas, mas também são incapazes de cumprir o rito. Deste modo, com o desfecho trágico se emudecem frente ao posto:

Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras: "e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus desígnios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço." (NASSAR, 1989, p. 161).

## REFERÊNCIAS

- AUERBACH, E. **Ensaio de Literatura Ocidental**. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA**: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1997.
- COELHO, N. N. **Escritores Brasileiros do Século XX**: um testemunho crítico. Taubaté: Letra Selvagem, 2013.
- FISCHER, L. A. Lavoura arcaica foi ontem. In: **Organon**, Porto Alegre, n. 17, 1991, p. 14-26.
- GREIBER, B., LINA, L., MALUF, S., e MATTAR, V. **Memórias da imigração – libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.
- LUKÁCS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- MIRCEA, E. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. 3. ed. rev. pelo autor. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- SCHØLLHAMMER, K. E. O realismo de novo. In: SCHØLLHAMMER, Karl Erich. **Ficção brasileira contemporânea**. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SEDLMAYER, S. **Ao lado esquerdo do pai**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- SUSSEKIND, F. “Ficção 80 – dobradiças e vitrines”. In: **Papéis colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- SUSSEKIND, F. **Literatura e vida literária**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- TRUZZI, O. **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Sumaré: FAPESP, Brasília: CNPq, 1991.
- VERNANT, J.-P. “Aspectos míticos da memória e do tempo”. In: **Mito e Pensamento entre os Gregos**. São Paulo: EDUSP, 1973.